

## A questão das mulheres no sínodo dos jovens (out. 2018) e no sínodo sobre a Amazônia (out. 2019)

Coletânea de citações de Nathalie Becquart, março de 2019

### Documento final da XV Assembleia Geral Ordinária sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional – 27 de outubro de 2018

#### Homens e mulheres

13. Não se pode esquecer a diferença entre homens e mulheres, com os seus dons peculiares, com as suas específicas sensibilidades e experiências do mundo. Esta diferença pode ser um âmbito onde surgem formas de domínio, exclusão e discriminação, das quais todas as sociedades e a própria Igreja têm necessidade de se livrar.

A Bíblia, por um lado, apresenta o homem e a mulher como parceiros iguais diante de Deus (cf. *Gn* 5, 2): todas as formas de dominação e discriminação que se fundamentam sobre o sexo ofendem a dignidade humana. Por outro, apresenta a diferença entre os sexos como um mistério tão constitutivo do ser humano, que não se pode reduzir a estereótipos. Além disso, o relacionamento entre o homem e a mulher é compreendido em termos duma vocação que deve ser vivida em conjunto, na reciprocidade e no diálogo, na comunhão e na fecundidade (cf. *Gn* 1, 27-29; 2, 21-25), em todos os âmbitos da experiência humana: vida de casal, trabalho, educação e outros ainda. À sua aliança, Deus confiou a terra.

#### A importância da maternidade e da paternidade

33. Mães e pais desempenham papéis distintos, mas igualmente importantes, como pontos de referência na formação dos filhos e na transmissão da fé. A figura materna continua a exercer uma função que os jovens consideram essencial para o seu crescimento, embora ela não seja suficientemente reconhecida dos pontos de vista cultural, político e laboral. Muitos pais cumprem com dedicação o papel que lhes é próprio, mas não podemos ignorar que, em determinados contextos, a figura paterna se mostra ausente ou efêmera e, noutros, opressiva ou autoritária. Estas ambiguidades refletem-se também no exercício da paternidade espiritual.

#### As perguntas dos jovens

39. A Igreja tem uma rica tradição sobre a qual construir e a partir da qual propor o seu ensinamento a respeito desta matéria: por exemplo, o *Catecismo da Igreja Católica*, a teologia do corpo desenvolvida por São João Paulo II, a Encíclica *Deus caritas est* de Bento XVI e a Exortação Apostólica *Amoris laetitia* de Francisco. Todavia os jovens, inclusive aqueles que conhecem e vivem este ensinamento, manifestam o desejo de receber da Igreja uma palavra clara e cheia de humana empatia. Com efeito, a moral sexual é frequentemente causa de incompreensão e afastamento da Igreja, uma vez que é sentida como um espaço de juízo e de condenação. Perante as mudanças sociais nas formas de viver a afetividade e a multiplicidade das perspetivas éticas, os jovens mostram-se sensíveis ao valor da autenticidade e da dedicação, mas muitas vezes sentem-se desorientados. **Concretamente, manifestam um desejo explícito de diálogo sobre as questões relativas à diferença entre identidade masculina e feminina, à reciprocidade entre homens e mulheres, à homossexualidade.**

#### As mulheres na Igreja

55. Entre os jovens emerge também a solicitação de maior reconhecimento e valorização das mulheres na sociedade e na Igreja. Numerosas mulheres desempenham um papel insubstituível no seio das comunidades cristãs, mas em muitos lugares há dificuldade em conceder-lhes espaço nos processos decisórios, mesmo quando estes não exigem responsabilidades ministeriais específicas. A ausência da voz e da visão feminina empobrece o debate e o caminho da Igreja, subtraindo ao discernimento uma contribuição valiosa. O Sínodo recomenda que

todos se tornem mais conscientes da urgência duma mudança inevitável, inclusive a partir duma reflexão antropológica e teológica sobre a reciprocidade entre homens e mulheres.

### **O acompanhamento espiritual pessoal**

97. O acompanhamento espiritual é um processo que pretende ajudar a pessoa a integrar progressivamente as diferentes dimensões da vida, para seguir o Senhor Jesus. Neste processo, articulam-se três instâncias: a escuta da vida, o encontro com Jesus e o diálogo misterioso entre a liberdade de Deus e a da pessoa. Quem acompanha, acolhe com paciência, suscita as questões mais verdadeiras e reconhece os sinais do Espírito na resposta dos jovens.

No acompanhamento espiritual pessoal, aprende-se a reconhecer, interpretar e decidir na perspectiva da fé, ouvindo tudo o que o Espírito sugere na vida de cada dia (cf. Francisco, *Evangelii gaudium*, nn. 169-173). Na própria tradição, o carisma do acompanhamento espiritual não está necessariamente ligado ao ministério ordenado. **Hoje, mais do que nunca, há necessidade de guias espirituais, padres e irmãs, não só preparados intelectualmente, mas com uma profunda experiência de fé e humanidade. O Sínodo espera que haja uma redescoberta, neste âmbito, também do grande recurso generativo que são a vida consagrada, particularmente feminina, e os leigos (adultos e jovens) bem formados.**

### **Os jovens pedem-nos para caminhar juntos**

119. No momento em que escolheu ocupar-se dos jovens neste Sínodo, a Igreja no seu conjunto fez uma opção muito concreta: considera esta missão uma prioridade pastoral decisiva, na qual deve investir tempo, energias e recursos. Desde o início do caminho de preparação, **os jovens manifestaram o desejo de ser envolvidos, valorizados e sentir-se coprotagonistas da vida e missão da Igreja.** Neste Sínodo, experimentamos que a corresponsabilidade vivida com os jovens cristãos é fonte de profunda alegria também para os bispos. Reconhecemos, nesta experiência, um fruto do Espírito que não cessa de renovar a Igreja e a chama a **praticar a sinodalidade como forma de ser e agir, promovendo a participação de todos os batizados e pessoas de boa vontade, cada qual segundo a própria idade, estado de vida e vocação.** Neste Sínodo, experimentamos como a colegialidade, que une os bispos *cum Petro et sub Petro* na solicitude pelo Povo de Deus, é chamada a articular-se e enriquecer-se através **da prática da sinodalidade a todos os níveis.**

### **Uma Igreja participativa e corresponsável**

123. Um traço característico deste estilo de Igreja é a valorização – através dum dinamismo de corresponsabilidade – dos carismas que o Espírito concede a cada um dos membros dela, em conformidade com a respetiva vocação e papel. Para ativar tal dinamismo, torna-se necessário uma conversão do coração e uma disponibilidade para a escuta recíproca, que crie efetivamente um sentir comum. Animados por este espírito, poderemos avançar **para uma Igreja participativa e corresponsável, capaz de valorizar a riqueza da variedade que a compõe, acolhendo com gratidão também a contribuição dos fiéis leigos, incluindo os jovens e as mulheres, a da vida consagrada feminina e masculina e a dos grupos, associações e movimentos.** Ninguém deve ser colocado nem deixado colocar-se à margem. Esta é a maneira para evitar tanto o clericalismo, que exclui muitos dos processos decisórios, como a clericalização dos leigos, que, em vez de os projetar para o compromisso missionário no mundo, os restringe.

O Sínodo pede para tornar efetiva e normal a participação ativa dos jovens nos lugares de corresponsabilidade das Igrejas particulares, assim como nos organismos das Conferências Episcopais e da Igreja universal. Além disso, pede que, no Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, se reforce a ação do Departamento dos Jovens inclusive através da constituição dum organismo de representação dos jovens a nível internacional.

### **As mulheres na Igreja sinodal**

148. Uma Igreja, que procura viver um estilo sinodal, não poderá deixar de refletir sobre a condição e o papel das mulheres dentro dela e, conseqüentemente, também no seio da sociedade. Reclamam-no com grande insistência os jovens e as jovens. As reflexões desenvolvidas precisam de ser implementadas através dum trabalho de corajosa conversão cultural e de mudança na prática pastoral quotidiana. A tal propósito, um âmbito de particular importância é o da presença feminina nos órgãos eclesiais a todos os níveis, incluindo funções de responsabilidade, e da participação das mulheres nos processos decisórios eclesiais, no respeito pelo papel do ministério ordenado. Trata-se dum dever de justiça, que encontra inspiração tanto no modo como Jesus Se relacionou com homens e mulheres do seu tempo, como na importância do papel de algumas figuras femininas na Bíblia, na história da salvação e na vida da Igreja.

### **164. Para se favorecer a renovação, o Sínodo formula três propostas.**

A primeira diz respeito à formação conjunta de leigos, pessoas consagradas e sacerdotes. É importante manter os jovens e as jovens em formação em contacto permanente com a vida quotidiana das famílias e das comunidades, prestando **uma atenção particular à presença de figuras femininas e de casais cristãos**, para que a formação se radique na realidade da vida e se distinga por um traço relacional capaz de interagir com o contexto social e cultural.

A segunda proposta implica a inserção, no currículo preparatório do ministério ordenado e da vida consagrada, duma preparação específica sobre a pastoral dos jovens, através de cursos de formação especializados e experiências vividas de apostolado e evangelização.

A terceira proposta pede que, no âmbito dum discernimento autêntico das pessoas e situações, segundo a perspectiva e o espírito da *Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*, se avalie a possibilidade de verificar o caminho de formação em sentido experiencial e comunitário. Isto será útil especialmente na última etapa do percurso, que prevê uma gradual inserção na responsabilidade pastoral. As fórmulas e modalidades poderão ser indicadas pelas Conferências Episcopais de cada país, através da respetiva *Ratio nationalis*.

## Papa Francisco, exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*

42. Por exemplo, uma Igreja demasiado temerosa e estruturada pode ser constantemente crítica de todos os discursos sobre a defesa dos direitos das mulheres, e apontar constantemente os riscos e os possíveis erros dessas reclamações. Ao passo que uma Igreja viva pode reagir prestando atenção às legítimas reivindicações das mulheres, que pedem maior justiça e igualdade; pode repassar a história e reconhecer uma longa trama de autoritarismo por parte dos homens, de sujeição, de várias formas de escravidão, abusos e violência machista. Com este olhar, poderá fazer suas aquelas reclamações de direitos e dará, convictamente, a sua contribuição para uma maior reciprocidade entre homens e mulheres, embora não concorde com tudo o que propõem alguns grupos feministas. Nesta linha, o Sínodo quis renovar o empenho da Igreja «contra toda a discriminação e violência com base no sexo».[17]Esta é a reação dum Igreja que se mantém jovem e se deixa interpelar e estimular pela sensibilidade dos jovens.

74. «Ainda mais numerosos no mundo são os jovens que padecem formas de marginalização e exclusão social, por razões religiosas, étnicas ou económicas. Lembramos a difícil situação de adolescentes e jovens que ficam grávidas e a praga do aborto, bem como a propagação do SIDA/HIV, as várias formas de dependência (drogas, jogos de azar, pornografia, etc.) e a situação dos meninos e adolescentes de rua, que carecem de casa, família e recursos económicos».[30]E quando se trata de mulheres, estas situações de marginalização tornam-se duplamente dolorosas e difíceis.

81. Os jovens reconhecem que o corpo e a sexualidade são essenciais para a sua vida e para o crescimento da sua identidade. Mas, num mundo que destaca excessivamente a sexualidade, é difícil manter uma boa relação com o próprio corpo e viver serenamente as relações afetivas. Por esta e outras razões, a moral sexual é frequentemente «causa de incompreensão e alheamento da Igreja, pois é sentida como um espaço de julgamento e condenação». Ao mesmo tempo, os jovens expressam de maneira explícita o desejo de se confrontar sobre «as questões relativas à diferença entre identidade masculina e feminina, à reciprocidade entre homens e mulheres, e à homossexualidade».

245. Além disso, é preciso acompanhar de modo especial os jovens que se apresentam como potenciais líderes, para poderem formar-se e preparar-se. Os jovens, que se reuniram antes do Sínodo, pediram que se desenvolvam «programas de liderança juvenil para a formação e desenvolvimento contínuo de jovens líderes. Algumas jovens notam uma falta de figuras femininas de referência dentro da Igreja, para a qual desejam, elas também, contribuir com os seus dons intelectuais e profissionais. Achamos ainda que seminaristas e religiosos, com maioria de razão, deveriam ser mais capacitados para acompanhar os jovens líderes».

**DOCUMENTO FINAL ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A REGIÃO PAN-AMAZÔNICA**  
**AMAZÔNIA: NOVOS CAMINHOS PARA A IGREJA E PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL**

**O clamor da terra e o grito dos pobres**

10. Porém, a Amazônia hoje é uma beleza ferida e deformada, um lugar de dor e violência. Os ataques à natureza têm consequências para a vida dos povos. Essa crise socioambiental única se refletiu nas escutas pré-sinodais que sinalizaram para as seguintes ameaças contra a vida: apropriação e privatização de bens da natureza, como a própria água; concessões florestais e a entrada de madeiras ilegais; caça e pesca predatórias; megaprojetos insustentáveis (hidrelétricas, concessões florestais, exploração massiva de madeira, monoculturas, estradas, hidrovias, ferrovias e projetos de mineração e petróleo); a contaminação causada pela indústria extrativista e lixões urbanos; e, sobretudo, mudança climática. São ameaças reais associadas a graves consequências sociais: doenças derivadas da contaminação, narcotráfico, grupos armados ilegais, alcoolismo, **violência contra a mulher**, exploração sexual, tráfico humano, venda de órgãos, turismo sexual, perda da cultura originária e da identidade (língua, práticas espirituais e costumes), criminalização e assassinato de lideranças e defensores do território. Por trás de tudo isso estão os interesses econômicos e políticos dos setores dominantes, com a cumplicidade de alguns governantes e algumas autoridades indígenas. **As vítimas são os setores mais vulneráveis, crianças, jovens, mulheres e a irmã mãe terra.**

13. O deslocamento de grupos indígenas expulsos de seus territórios ou atraídos pelo falso brilho da cultura urbana representa uma especificidade única dos movimentos migratórios na Amazônia. Os casos em que a mobilidade destes grupos se realiza em territórios de circulação indígena tradicional, separados por fronteiras nacionais e internacionais, exigem uma pastoral transfronteiriça capaz de compreender o direito à livre circulação destes povos. A mobilidade humana na Amazônia revela o rosto de Jesus Cristo empobrecido e faminto (cf. *Mt 25,35*), expulso e desabrigado (cf. *Mt 2,13-14*), e também **na feminização da migração que torna milhares de mulheres vulneráveis ao tráfico humano, uma das piores formas de violência contra as mulheres e uma das mais perversas violações dos direitos humanos**. O tráfico de pessoas ligado às migrações requer um trabalho pastoral permanente em rede.

59. Dentre as complexidades do território amazônico, destacamos a fragilidade da educação, especialmente entre os povos indígenas. Embora a educação seja um direito humano, a qualidade da educação é deficiente **e os abandonos são muito frequentes, especialmente entre as meninas**. A educação evangeliza, promove a transformação social, capacitando as pessoas com um senso crítico saudável. “Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida” (*LS 213*). É nossa tarefa promover uma educação para a solidariedade que nasce da consciência de uma origem comum e de um futuro partilhado por todos (cf. *LS 202*). Deve-se exigir dos governos a implementação de uma educação pública, intercultural e bilingue.

**b. O desafio de novos modelos de desenvolvimento justo, solidário e sustentável**

71. Constatamos que a intervenção do ser humano perdeu seu caráter “amigável”, para assumir uma atitude voraz e predatória que tende a espremer a realidade até o esgotamento de todos os recursos naturais disponíveis. “O paradigma tecnocrático tende a exercer o seu domínio também sobre a economia e a política” (*LS 109*). Para se opor a isso, que prejudica gravemente a vida, é necessário buscar modelos econômicos alternativos, mais sustentáveis, amigáveis com a natureza, com um sólido “sustento espiritual”. Por isso, junto com os povos amazônicos, pedimos que os Estados deixem de considerar a Amazônia como uma reserva inesgotável (cf. Fr. PM). Gostaríamos que desenvolvessem políticas de investimento que tenham, como condição para toda intervenção, o cumprimento de altos padrões sociais e ambientais e o

princípio fundamental da preservação da Amazônia. Para isso, é necessário que levem em conta a participação dos Povos Indígenas organizados, de outras comunidades amazônicas e das diferentes instituições científicas que já estão propondo modelos de aproveitamento da floresta em pé. O novo paradigma do desenvolvimento sustentável deve ser socialmente inclusivo, combinando conhecimentos científicos e tradicionais **para empoderar as comunidades tradicionais e indígenas, em sua maioria mulheres**, fazendo com que estas tecnologias sirvam ao bem-estar e à proteção das florestas.

86. Para caminhar juntos, a Igreja precisa de uma conversão Sinodal, sinodalidade do Povo de Deus sob a guia do Espírito na Amazônia. Com este horizonte de comunhão e participação, buscamos novos caminhos eclesiais, especialmente na ministerialidade e na sacramentalidade da Igreja com rosto amazônico. **A vida consagrada, os leigos e entre eles as mulheres, são os protagonistas antigos e sempre novos que nos chamam a esta conversão.**

92. Uma Igreja com rosto amazônico precisa que suas comunidades estejam impregnadas de um espírito sinodal, sustentadas por estruturas organizativas segundo esta dinâmica, como autênticos organismos de “comunhão”. As formas de exercício da sinodalidade são variadas, devem ser descentralizadas em seus diversos níveis (diocesano, regional, nacional, universal), respeitadas e atentas aos processos locais, sem enfraquecer o vínculo com as outras Igrejas irmãs e com a Igreja universal. Estabelecem uma sincronia entre a comunhão e a participação, entre a corresponsabilidade e a ministerialidade de todos, **dando especial atenção à participação efetiva dos leigos no discernimento e na tomada de decisões, potencializando a participação das mulheres.**

95. Embora a missão no mundo seja tarefa de todo batizado, o Concílio Vaticano II sublinhou a missão dos leigos: “expectativa da nova terra não deve, porém, enfraquecer, mas antes ativar a solicitude em ordem a desenvolver esta terra” (GS 39). **É urgente que se promovam e se confirmem ministérios para homens e mulheres de maneira equitativa para a Igreja na Amazônia.** O tecido da Igreja local, também na Amazônia, é garantido pelas pequenas comunidades eclesiais missionárias que cultivam a fé, escutam a Palavra e celebram juntas a vida do povo. **É a Igreja de homens e mulheres batizados que devemos consolidar, promovendo a ministerialidade e, sobretudo, a consciência da dignidade batismal.**

### **c. Presença e a vez da mulher**

99. A Igreja na Amazônia quer “ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja” (EG 103). **“Não reduzamos o empenho das mulheres na Igreja; antes, pelo contrário, promovamos o seu papel ativo na comunidade eclesial. Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade”** (Papa Francisco, *Encontro com o Episcopado Brasileiro*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013).

100. O Magistério da Igreja desde o Concílio Vaticano II destacou o lugar central que a mulher ocupa dentro dela: “Mas a hora vem, a hora chegou, em que a vocação da mulher se realiza em plenitude, a hora em que a mulher adquire no mundo uma influência, um alcance, um poder jamais alcançados até agora. É por isso que, neste momento em que a humanidade sofre uma tão profunda transformação, as mulheres impregnadas do espírito do Evangelho podem tanto para ajudar a humanidade a não decair” (Paulo VI, *Mensagem na conclusão do Concílio Vaticano II às Mulheres*, 8 de Dezembro de 1965).

101. A sabedoria dos povos ancestrais afirma que a mãe terra tem rosto feminino. No mundo indígena e ocidental, as mulheres são aquelas que trabalham em múltiplas facetas, na instrução dos filhos, na transmissão da fé e do Evangelho, são testemunhas e presença responsável na

promoção humana, **por isso se pede que a voz das mulheres seja ouvida, que elas sejam consultadas e participem das decisões e, assim, possam contribuir com sua sensibilidade à sinodalidade eclesial.** Valorizamos “a função da mulher, reconhecendo seu papel fundamental na formação e continuidade das culturas, na espiritualidade, nas comunidades e nas famílias”. **É necessário que a Igreja assuma em seu seio com maior força a liderança das mulheres, e que as reconheça e promova, fortalecendo sua participação nos conselhos pastorais das paróquias e dioceses, inclusive nas instâncias de governo.**

102. Diante da realidade sofrida pelas mulheres vítimas de violência física, moral e religiosa, incluindo o feminicídio, a Igreja se posiciona em defesa de seus direitos e as reconhece como protagonistas e guardiãs da criação e da “casa comum”. **Reconhecemos a ministerialidade que Jesus reservou para as mulheres. É necessário promover a formação da mulher em teologia bíblica, teologia sistemática, direito canônico, valorizando sua presença em organizações e sua liderança dentro e fora do âmbito eclesial. Queremos fortalecer os laços familiares, especialmente para as mulheres migrantes. Asseguramos o seu lugar em espaços de liderança e formação.** Pedimos revisar o Motu Proprio de São Paulo VI, *Ministeria quaedam*, para que também mulheres adequadamente formadas e preparadas possam receber os ministérios do Leitorado e do Acolitado, entre outros a serem criados. **Nos novos contextos da evangelização e pastoral na Amazônia, onde a maioria das comunidades católicas é liderada por mulheres, pedimos que seja criado o ministério instituído da “mulher dirigente da comunidade” e que este seja reconhecido a serviço das novas exigências da evangelização e do cuidado das comunidades.**

103. Nas muitas consultas realizadas na Amazônia, o papel fundamental da mulher religiosa e leiga na Igreja da Amazônia e em suas comunidades foi reconhecido e enfatizado, devido aos múltiplos serviços prestados. Num grande número destas consultas, foi solicitado o diaconato permanente para as mulheres. Por isso, o tema também esteve muito presente no Sínodo. Já em 2016, o Papa Francisco havia criado uma “Comissão de Estudo sobre o Diaconato das Mulheres” que, como Comissão, chegou a um resultado parcial sobre como era a realidade do diaconato das mulheres nos primeiros séculos da Igreja e suas implicações hoje. Gostaríamos, pois, de partilhar as nossas experiências e reflexões com a Comissão e aguardar os seus resultados.

## PAPA FRANCISCO, EXORTAÇÃO PÓS-SINODAL QUERIDA AMAZÓNIA

### *A força e o dom das mulheres*

99. Na Amazónia, há comunidades que se mantiveram e transmitiram a fé durante longo tempo, mesmo decénios, sem que algum sacerdote passasse por lá. Isto foi possível graças à presença de mulheres fortes e generosas, que batizaram, catequizaram, ensinaram a rezar, foram missionárias, certamente chamadas e impelidas pelo Espírito Santo. Durante séculos, as mulheres mantiveram a Igreja de pé nesses lugares com admirável dedicação e fé ardente. No Sínodo, elas mesmas nos comoveram a todos com o seu testemunho.

100. Isto convida-nos a alargar o horizonte para evitar reduzir a nossa compreensão da Igreja a meras estruturas funcionais. Este reducionismo levar-nos-ia a pensar que só se daria às mulheres um *status* e uma participação maior na Igreja se lhes fosse concedido acesso à Ordem sacra. Mas, na realidade, este horizonte limitaria as perspetivas, levar-nos-ia a clericalizar as mulheres, diminuiria o grande valor do que elas já deram e subtilmente causaria um empobrecimento da sua contribuição indispensável.

101. Jesus Cristo apresenta-Se como Esposo da comunidade que celebra a Eucaristia, através da figura de um varão que a ela preside como sinal do único Sacerdote. Este diálogo entre o Esposo e a esposa que se eleva na adoração e santifica a comunidade não deveria fechar-nos em conceções parciais sobre o poder na Igreja. Porque o Senhor quis manifestar o seu poder e o seu amor através de dois rostos humanos: o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria. As mulheres prestam à Igreja a sua contribuição segundo o modo que lhes é próprio e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe. Deste modo não nos limitamos a uma impositação funcional, mas entramos na estrutura íntima da Igreja. Assim compreendemos radicalmente por que, sem as mulheres, ela se desmorona, como teriam caído aos pedaços muitas comunidades da Amazónia se não estivessem lá as mulheres, sustentando-as, conservando-as e cuidando delas. Isto mostra qual é o seu poder característico.

102. Não podemos deixar de incentivar os talentos populares que deram às mulheres tanto protagonismo na Amazónia, embora hoje as comunidades estejam sujeitas a novos riscos que outrora não existiam. A situação atual exige que estimulemos o aparecimento doutros serviços e carismas femininos que deem resposta às necessidades específicas dos povos amazónicos neste momento histórico.

103. Numa Igreja sinodal, as mulheres, que de facto realizam um papel central nas comunidades amazónicas, deveriam poder ter acesso a funções e inclusive serviços eclesiais que não requeiram a Ordem sacra e permitam expressar melhor o seu lugar próprio. Convém recordar que tais serviços implicam uma estabilidade, um reconhecimento público e um envio por parte do bispo. Daqui resulta também que as mulheres tenham uma incidência real e efetiva na organização, nas decisões mais importantes e na guia das comunidades, mas sem deixar de o fazer no estilo próprio do seu perfil feminino.